



QUÍCABELO É ESSE? TRANSIÇÃO CAPILAR DA MULHER NEGRA, DE OBJETO A SUJEITO

QUÍCABELO IS THAT? CAPILLARY TRANSITION OF THE BLACK WOMAN, FROM OBJECT TO SUBJECT

Lívia Torquato Ventura Canuto  

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

✉ livia.canuto@estudante.ufjf.br

Flávia Paola Félix Meira  

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

✉ criolaflavinha@gmail.com

Ana Carolina Araújo da Silva  

Universidade Federal de Juiz de fora (UFJF)

✉ anacarolina.silva@ufri.edu.br

RESUMO: O termo transição capilar é usado para nomear um processo de abandono de técnicas químicas e físicas de alisamento em favor do uso dos cabelos em seus aspectos naturais. Esse processo envolve diferentes etapas, desde rejeição, aceitação e ressignificação. Neste artigo, temos como objetivo investigar as relações das mulheres no processo de transição capilar na tentativa de compreender as diversas associações: cabelo e questões étnico-raciais; cabelo como constituição de uma identidade e empoderamento da mulher. Dessa forma, recorreremos à metodologia de pesquisa de cunho qualitativo, tendo como instrumentos de coleta de dados e informações um questionário com dezesseis questões divididas em quatro seções que são: Identificação; Tipos de Cabelos e Processos Químicos; Transição Capilar e Concluí a minha Transição Capilar. As participantes da pesquisa são trinta e três mulheres negras que passaram pelo processo de transição capilar. Para análise das respostas, recorreremos aos pressupostos teóricos da análise de conteúdo. Neste estudo, analisamos as questões das seções sobre "Transição Capilar" e "Concluí a minha Transição Capilar" que poderiam nos fornecer informações para a compreensão do cabelo como constituição da identidade e do empoderamento da mulher. Os dados revelaram que o processo de transição envolve várias questões, sentimentos e compreensão da sua própria aparência, o autoconhecimento e a aceitação. Por fim, acreditamos que a discussão sobre transição capilar pode auxiliar na construção da identidade das mulheres e, além disto, na importância da representação para dar força as mulheres de cabelo cacheado e crespo, a fim de buscar a compreensão da sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Transição Capilar. Cabelo. Mulher Negra. Ensino de Química.

ABSTRACT: The term hair transition is used to name a process of abandonment of chemical and physical straightening techniques in favor to use the hair in its natural aspects. This process involves different steps, from rejection, acceptance and resignification. In this article, we aim to investigate women's relationships in the process of hair transition in an attempt to understand the various associations: hair and ethnic-racial issues; hair like constitution of a woman's identity and empowerment. Thus, we use the qualitative research methodology, used as a instruments of data and information collection a questionnaire with sixteen questions divided into four sections that are: Identification; Hair Types and Chemical Processes; Hair Transition and I Completed my Hair Transition. The participants of the research are thirty-three black women who went through the hair transition process. The answers were analysed using the theoretical assumptions of content analysis. In this study, the questions of the sections about Hair Transition and I Completed my Hair Transition were analyzed to provide to us informations to understanding hair as a

constitution of the identity and empowerment of women. The data revealed that the transition process involves various questions, feelings and understanding of their own appearance, self-knowledge and acceptance. Finally, we believe that the discussion on capillary transition can help in the construction of women's identity and, also, in the importance of representation to give strength for curly and curly-haired women to search of their identity.

KEY WORDS: Capillary Transition. Hair. Black Woman. Chemistry Teaching.

Introdução

Vivemos em uma sociedade que sempre qualificou os cabelos como “bom” ou “ruim”, “macio” ou “duro”, “liso” ou “armado”, como aponta Quintão (2013). Muitas pessoas definem o cabelo “bom” como aquele que se aproxima da textura dos cabelos das pessoas brancas, que na sua maioria são lisos, e o cabelo “ruim” são os que possuem características do cabelo das negras com textura crespa e encaracolada (Quintão, 2013). Diante disso, as mulheres com cabelos denominados como “ruim”, “duro”, “feio” e “armado” recorrem ao uso de processos químicos de transformação do fio buscando um cabelo “liso”, “bom” e “bonito”.

É importante lembrar que as denominações negras e negros são fruto da reivindicação do movimento negro, sendo este resultado da soma de pretos e pardos. Essa medida teve como objetivo principal combater as estratégias de enfraquecimento da luta antirracista no Brasil. De acordo com Hasenbalg (2005), a possibilidade de mobilidade social ascendente corresponde à pigmentação da pele, no qual o negro que possui a pele menos pigmentada possa ter mais possibilidades de ascensão do que o negro de pele mais pigmentada, porém ambos, não branco, continuam sendo inferiores aos brancos. Nesta perspectiva, o pardo é referenciado como o apaziguador e harmonizador (Daflon, 2017), fortalecendo a proposta de uma democracia racial no Brasil nos moldes trazidos pelas reflexões de Gilberto Freyre, que ainda perdura na sociedade e nas salas de aula.

Os produtos químicos utilizados nos salões de beleza possuem diferentes formulações que reagem com a fibra capilar, alterando a sua estrutura e dando a falsa impressão de um cabelo liso “natural”, com menos volume e bem-comportado. Por muitos anos, a mulher se adequa ao padrão de beleza que, também, é reproduzido pela indústria cosmética e pelos salões de beleza especializados que oferecem uma infinidade de produtos e de técnicas para obtenção desses efeitos (Matos, 2016). Para romper com esse ciclo de imposição de cabelos lisos, as décadas de 1960 e 1970 são marcadas por movimentos como “*Black is beautiful*” expresso pela palavra de ordem Black Power (Gomes, 2017).

A valorização dos cabelos crespos e cacheados volta a ser tendência no século XXI, ganhando espaços nos mais diversos meios midiáticos. A representação e a visibilidade desses cabelos passam a compor não somente uma nova tendência, mas sobretudo uma luta contra o racismo. Cida Bento (2002) faz uma discussão sobre o branqueamento e a branquitude no Brasil, sinalizando os benefícios simbólicos dos referenciais positivos na sociedade, desde a tonalidade menos pigmentada da pele à textura lisa do cabelo. Isto nos ajuda a compreender o movimento de maior aceitação ao alisar o cabelo e, conseqüentemente, a construção de um sentimento de hostilidade frente ao cabelo natural e/ou seu corpo. Nilma Lino Gomes, em seu livro “Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”, diz que as pessoas ao rejeitarem seu cabelo/seu corpo, a mulher ou o homem negro entram em um conflito, e é gerado um campo de tensão ainda maior, permeando a vida destes sujeitos em todos os seus ciclos de desenvolvimento humano (Gomes, 2019a). Assim, levar esse debate para dentro da Educação Básica torna-se condição *sine qua non*, tanto para os professores repensarem suas práticas metodológicas como para o fortalecimento da autoestima do estudante, fazendo com que ele se

veja na sua verdadeira forma dentro da sociedade que se encontra. Portanto, é necessário estudar e discutir esta temática que é muito presente na nossa sociedade.

O termo transição capilar é usado para nomear o processo de abandono de técnicas químicas e físicas de alisamento em favor do uso dos cabelos em seus aspectos naturais. Para Gomes (2017), esse processo é dotado de uma capacidade remodeladora e de reinvenção sobre formas de interação e de identificação coletiva e individual. O interesse em pesquisar e propor ações sobre essa temática é de interesse pessoal das pesquisadoras que passaram pelo processo de transição capilar. Além disso, o estudo possibilita a interação entre pessoas que passam pelo processo de transição capilar e mobilizam diferentes recursos nas plataformas de mídias digitais para conversar e trocar experiências sobre o assunto, visto que em muitos desses espaços apresentam informações não científicas sobre esse processo.

A temática sobre transição capilar é tratada e explorada em diversos meios de comunicação, tais como: internet, programas de televisão, redes sociais, entre outros espaços. De acordo com Gomes (2019b), o corpo negro é tematizado não somente de forma negativa, mas, também, emancipatória: nos espaços das redes sociais, nas discussões realizadas pelos jovens negros, mulheres e homens, nos canais de Youtube e Facebook esse corpo passou a ter um lugar de destaque. As representações em torno do cabelo crespo têm sido um dos elementos centrais das análises e intervenções da juventude negra, sobretudo feminina, e vêm se tornando, cada vez mais, tema de reflexão científica, seja para falar de dicas de beleza, seja para politizar sua relação com o mundo. O corpo negro vem ganhando destaque, especialmente, a partir dos anos de 2010.

Destacamos, ainda, a importância de se discutir acerca das representações e das concepções sobre o cabelo crespo nas Escolas de Educação Básica (Gomes, 2003), tema abordado, recentemente, no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Durante o Enem de 2021, os brasileiros se depararam com uma questão intrigante, uma cena do livro “Americanah”, da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em que a personagem era questionada por não alisar o cabelo. Sua resposta curta evidenciava sua aceitação com o cabelo feito por Deus, assim como destaca o livro. O intuito da questão era indagar como se sustentava o posicionamento da personagem. Esta por sua vez considerava a alternativa correta: “demonstram uma postura de imaturidade.” Após a repercussão do caso, o Inep desconsiderou esta alternativa. O presidente do instituto, Alexandre Lopes, se posicionou considerando a alteração em virtude de um erro, não por haver “questão de racismo”. Em meio aos recentes posicionamentos do governo, em especial do ex-ministro da educação, Weintraub, em sua fala durante uma reunião: “Odeio os povos indígenas, odeio esse termo, odeio. Povos ciganos, só tem um povo (...) quer, quer. Não quer, saí de ré.”, percebe-se que talvez este “erro” seja reflexo do nosso Brasil escravista, considerando os cidadãos brasileiros homogêneos, ao invés de lidarmos com as diferenças.

Na pesquisa intitulada Perigos da Percepção, realizada em 2016 pelo Instituto Ipsos MORI (*Market and Opinion Research International*), entre 40 países, o Brasil encontra-se em sexto lugar no ranking “Índice de Ignorância”. As consequências deste antagonismo - por um lado somos um único povo brasileiro, porém o sexto país mais intolerante - garantem o encobrimento do racismo, desconsiderando-o no campo da saúde pública. Uma vez que este presente trabalho analisa a questão do cabelo como elemento de identidade da mulher negra, consideramos as consequências da baixa autoestima dos corpos negros, doenças decorrentes do uso intensivo de produtos tóxicos, na busca por signos de embranquecimento, como problemas de saúde pública. Evidenciando que talvez o governo enxergue nos corpos negros, especialmente nos cabelos naturais desses corpos, uma imaturidade por não seguir seus padrões: arianos.

Nesse contexto, acreditamos que o cabelo possui um papel importante na construção da identidade negra. Mas, esse tema é pouco explorado pelas pesquisas na área de Educação Química, tendo poucas publicações em revistas de referência de divulgação científica. Na busca em duas revistas da área, Química Nova na Escola e na Revista Debates em Ensino de Química,

encontramos apenas dois artigos que apresentam a discussão de produtos químicos e cabelos (Barbosa e Silva, 1995; Borges, Borges e Pinheiro, 2018), mas sem aprofundar nas potencialidades do tema cabelo para a discussão das identidades das mulheres. Ainda destacamos a relevância do assunto pela quantidade de mitos e verdades sobre a Química para os cabelos. Quem nunca deparou com uma placa na entrada de um salão de beleza como o seguinte anúncio: “Aqui não temos Química”. Precisamos discutir as substâncias e os processos químicos estão presentes no nosso dia a dia e apresentar que a transição capilar não é uma discussão apenas sobre cabelo, mas que envolve a constituição de uma identidade.

Esta pesquisa faz parte de uma investigação maior que trata sobre o processo da constituição da identidade da mulher negra intitulado como: Quícabelo é esse? A constituição da identidade da mulher a partir dos produtos de beleza. Diante disso, este artigo busca refletir sobre as bases de constituição de uma estética da mulher brasileira, com ênfase na mulher negra. Para isso, buscamos investigar as relações das mulheres no processo de transição capilar na tentativa de compreender as diferentes associações: o cabelo e as questões étnico-raciais no Brasil, o cabelo como constituição de uma identidade e o empoderamento da mulher. Além disso, buscamos compreender a transição capilar e suas implicações, como também analisar o fenômeno vivenciado por mulheres. O assunto sobre transição capilar se apresenta como uma fonte fértil para ser explorada.

Referencial Teórico

A fim de nos subsidiar nessa análise, recorreremos ao conceito de representação, ancorando em Hall (2016) e identidade negra na perspectiva de Souza (1983) e Gomes (2003), tendo como enfoques principais a corporeidade e a estética. Hall, nos convida a refletir sobre as estratégias utilizadas a fim de marcar a diferença racial onde as oposições binárias se fazem dominante, por exemplo, civilização (branco) e selvageria (negro). Nessa perspectiva, cria-se um imaginário de padrão que deve ser seguido, e o mundo branco (civilizado) passa a ser considerado dono daquilo que é perfeito, bonito, ideal, e é constantemente perseguido. No caso das mulheres, o cabelo liso, o cabelo bonito, é o que difere desse padrão, é o diferente, é o *Outro*.

Dessa forma, ao discutirmos a transição capilar, é primordial repensarmos a diferença. Só se definiu um modelo de cabelo padrão, a partir da diferença, do *outro*, representado como “feio”. E essa diferença, ao mesmo tempo que por meio de símbolos fortalece culturas e estigmas, ela também pode provocar resistência, ou seja, assumir o cabelo natural, conseguir realizar sua transição, extrapola a questão da estética. Possibilitando outras discussões, como resistir ao sistema branco e eurocêntrico que ainda vivemos. De acordo com Silva, quando discutimos diferenças esbarramos na discussão da identidade, sendo ambas criações sociais e culturais. Ao eleger algo como diferente ou afirmamos uma identidade, estamos realizando a marcação de algo, definindo o que somos e o que não somos (2014). Dessa forma, ao definirmos o cabelo liso como normal, eu delego o poder, principalmente ao que é diferente dele, e ele só existe porque o diferente existe.

Neste caso, no que tange ao cabelo, a diferença racial é muito marcada e talvez esta seja uma das maiores complicadoras no processo de transição capilar. Pois além de aprender a conhecer e lidar com um cabelo que, muitas das vezes, não conhecia, é preciso aprender a se reconhecer como negra e lidar com todos os estereótipos que rondam o imaginário da sociedade brasileira. No que refere à mulher negra, nas entrevistas veremos muitos relatos sobre a nova textura. Estereótipos estes que vão desde a mulata imoral a símbolo da beleza nacional, porém ligados diretamente ao objeto de desejo, uma vez que, ainda, mulheres negras não ocupam as telas de televisão e de cinema, sendo destinados os principais papéis, geralmente, às mulheres brancas (Daflon, 2017).

Dessa forma, o processo de transição capilar, em destaque o das mulheres negras, demanda além da construção e do reconhecimento de uma nova estética do que é belo, a percepção e o reconhecimento da mulher negra na sociedade. Isto pode ocorrer durante a transição capilar ou posteriormente. Sendo assim, ela vai lidando com outros fantasmas, além de ter o cabelo liso ou não, vivência em seu cotidiano o racismo que reverbera em sua convivência social e familiar. Se reconhecer como mulher negra em uma sociedade que se consolidou ancorada na ideia de uma democracia racial, torna-se um desafio. Gomes (1995), em sua pesquisa sobre o processo de construção da identidade racial de professoras negras, discute o quanto esse processo, muitas das vezes é doloroso, e demanda ao docente negro a reconstrução de sua própria identidade e que se veja nesse processo. Além disso, tal processo necessita que o docente branco reconheça seu aprisionamento em sua branquura. Assim, concomitantemente, é preciso lidar com os percalços da construção da identidade negra e lidar com a branquitude e seu pacto narcísico (Bento, 2002), o medo da projeção do negro em todas as suas esferas.

A construção da identidade da mulher negra perpassa por um imaginário social, oriundo da imposição do homem branco colonizador sobre o corpo negro (Souza, 1983). Neusa Santos Souza, no seu livro "Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social", já reverberava sobre o que é ser negro em uma sociedade com ideologias dominantes (Souza, 1983, p. 17). Nesse livro, temos contato com diferentes histórias de vidas apresentadas pela autora, destacamos a "A História de Luísa" que é uma médica recém-formada e neta de empregadas doméstica e filha de pais de classe média baixa (Souza, 1983, p. 45). Percebemos que a constituição da identidade da mulher negra de Luísa perpassa por um ideário de ser branca:

Criança ainda, aprendeu a depreciar, rejeitar e deformar o próprio corpo para configurá-lo à imagem e semelhança do branco. Este, sim era belo, invejável, digno de consideração e apreço: "Contam que eu falava sozinha, tinha amigos invisíveis, falava na frente do espelho...Era uma sensação de me reconhecer, de identidade minha, de me sentir... me achava muito feia me identificava como uma menina negra diferente. Todas as meninas tinham o cabelo liso, nariz fino [...]" (Souza, 1983, p. 57).

A partir desse trecho, percebemos que a falta de representação de mulheres negras na vida de Luísa fez com que ela criasse amigos imaginários, de modo a se aceitar e se reconhecer. Para Luísa e muitas meninas, há necessidade de se tornar uma "negra-branca". Para Souza (1983) "negra-branca" seria uma "negra diferente, com valores nitidamente atribuídos ao branco numa identidade maximizada". Essa falta de representação está presente na mídia, ao buscar pela palavra "mulher bonita" na internet encontra-se uma mulher branca de cabelos lisos (Daltro, 2016).

A construção da identidade envolve a relação com o seu meio. Para Gomes (2003), a identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural e

[...] se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece (Gomes, 2003, p. 171).

A partir disso, acreditamos na importância de uma agenda de debates nas escolas sobre representações e as concepções do corpo negro e do cabelo crespo. Dessa forma, priorizamos que no processo de construção da identidade, o corpo pode ser considerado como um suporte

da identidade negra, e o cabelo crespo como um forte ícone identitário. De acordo com Gomes (2008), o cabelo e a cor são elementos da identidade negra.

O Caminho Metodológico da Pesquisa

Este artigo apresenta uma pesquisa de abordagem qualitativa. Para Minayo (2001) a pesquisa qualitativa

[...] se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p. 21).

Na tentativa de compreendermos os processos e as relações das mulheres no período de transição capilar, elaboramos um questionário com 16 questões divididas em quatro seções que são: Identificação, Tipos de Cabelos e Processos Químicos, Transição Capilar e Concluí a minha Transição Capilar. Segundo Gil (1999, p. 128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Desse modo, para o levantamento de dados, utilizamos o *Google Forms* para aplicar os questionários aos participantes da pesquisa, a fim de coletar dados que foram tabulados para posterior análise. O questionário foi disponibilizado nas redes sociais (*Instagram* e *Facebook*) aplicado via *Internet* dentro dos padrões éticos de sigilo. No instrumento utilizado, apresentamos o estudo para a participante e solicitamos o consentimento na participação da pesquisa. Diante disso, não há um padrão para as participantes da pesquisa, pois o acesso ao instrumento de coleta de informações foi disponibilizado para diferentes grupos de mulheres. Destacamos que a finalidade do questionário foi obter informações sobre o processo de transição capilar como constituição de uma identidade da mulher negra. Neste artigo, nos referimos à transição capilar que acontece entre o cabelo ainda alisado para o cabelo natural que cresce (cacheado, crespo, ondulado ou misto).

Para as análises das perguntas do questionário, adotamos os pressupostos teóricos da análise de conteúdo (Bardin, 2011). A análise de conteúdo é composta por um conjunto de técnicas que auxiliam os pesquisadores na caracterização das vivências do sujeito e suas percepções sobre um objeto e seus fenômenos, proporcionando o levantamento de indicadores (quantitativos ou não) que permitem ao final da análise a interpretação dos dados coletados (Bardin, 1995; Cavalcante, 2014; Oliveira *et al.*, 2003).

Na análise de conteúdo, existem três etapas principais, sendo elas: pré-análise, exploração do material e interpretação (Bardin, 2011). A pré-análise, primeira etapa, compreende a definição do corpus de análise e a leitura flutuante das respostas das participantes da pesquisa. Nesse contexto, separamos as questões e suas respostas para uma leitura de todas as respostas. A segunda parte consiste na exploração do material, na contagem e na categorização das respostas e possíveis relações que poderiam ser encontradas. Para melhor explorar as respostas foi criada no *Microsoft Excel®* uma planilha para relacionarmos as respostas abertas e fechadas do questionário. Essas análises nos proporcionaram a construção de diferentes categorias de análise das diversas respostas. Por fim, a terceira etapa, consiste na interpretação dos recortes estabelecidos nesta pesquisa. O recorte foi a seleção das questões sobre "Transição Capilar" e "Concluí a minha Transição Capilar" que poderiam nos fornecer informações para a compreensão do cabelo como constituição de uma identidade e empoderamento da mulher.

Análise dos Questionários

O questionário foi respondido por 55 mulheres, após ficar aberto pelo período de 5 dias no *Google Forms*. A primeira pergunta está relacionada à identificação, questionamos como as mulheres se autodeclararam. É importante elucidar que a autodeclaração é a forma como as pessoas se veem e não como são vistas.

Quadro 1: Como as mulheres se autodeclararam.

Autodeclaração	Quantidade de mulheres	(%)
Pretas	17	31,5%
Pardas	16	29,6%
Branças	17	31,5%
Outras	4	7,4%

Fonte: Autoria própria.

As respostas foram 31,5% (17 mulheres) que se declaram como pretas, 29,6% (16 mulheres) como pardas, 31,5% (17 mulheres) como brancas, 7,4% (4 mulheres) como "outras" e uma mulher não respondeu a essa pergunta. Em resumo, há 33 mulheres autodeclaradas negras, sendo a maioria na pesquisa representando 60%. Entre as respostas, ao questionar sobre o processo de transição capilar, qual foi sua relação com o cabelo, 84,3% (43 mulheres) responderam que foi difícil, mesmo 69,2% (36 mulheres) confirmando que teve apoio dos familiares e amigos. Dentre as justificativas para as dificuldades, a grande pontuação é sobre lidar com a textura, volume e/ou como finalizar, confirmando a relação direta de como elas passam a ser representadas. É preciso aprender a lidar com essa nova imagem, e como se identificar nessa nova imagem, uma imagem que não coaduna com o padrão o qual muitas de nós vivenciamos ou que não nos representava. Neste ponto, esbarramos na construção da identidade que é permeada a todo momento pelo processo de rejeição e de aceitação do cabelo, corpo e pele (Gomes, 2019a).

Para compreendermos as possíveis relações que podem emergir na transição capilar e no processo de constituição de uma identidade de mulher negra, analisaremos as respostas das mulheres que se autodeclararam negras e pardas. Compreendemos a necessidade de falar da mulher negra que inclui "pretas" e "pardas". Para Kabengele Munanga (1999), pretos e pardos devem ser agrupados sob a categoria "negro" no discurso político e acadêmico não apenas porque eles apresentam semelhanças socioeconômicas, mas também em razão de uma necessidade política e identitária, fortalecendo a luta antirracista, conforme referenciamos no início do texto.

O Processo de Transição Capilar e a Construção de uma Identidade

Nesta seção, apresentamos as respostas das mulheres negras (33 respostas), e a fim de preservar o sigilo das participantes, utilizamos o termo "Participante" subsequente a ordem numérica que corresponde a resposta e ao envio do *Google Forms*. Os seguintes blocos do questionário: "Transição Capilar" e "Concluí a minha Transição Capilar". No bloco "Transição Capilar", vamos apresentar as respostas para as seguintes perguntas: você conseguiu concluir a sua transição capilar? Se não concluiu, qual foi a dificuldade encontrada na transição capilar?

Em relação às duas questões (*Você conseguiu concluir a sua transição capilar? Se não concluiu, qual foi a dificuldade encontrada na transição capilar?*), trinta mulheres responderam que concluíram a transição capilar e três não conseguiram finalizar o processo. As respostas das três mulheres que não conseguiram concluir o processo foram:

"No processo da transição capilar não conseguia lavar o cabelo sem secar e pranchar logo em seguida da lavagem, logo acabei alisando para que meu cabelo ficasse mais baixo quando eu fizesse esse processo" (Participante 08).

"Aceitar o cabelo natural" (Participante 09).

"Diferenças de texturas, queria realmente meu cabelo cacheado de novo, porém 1/3 cacheado e o restante liso foi o que mais me incomodou" (Participante 25).

Nesse processo de transição, a negação ao cabelo cacheado e crespo, aos atributos físicos dos negros como pele, traços faciais, são os indícios do processo de embranquecimento (Souza, 1983; Matos, 2015). Para Gomes (2003, p. 171) "construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros".

Na seção "Concluí a minha Transição Capilar", apresentamos as seguintes questões para análise: Após a transição, você teve dificuldades com os cabelos, você pode relatar com exemplos: Durante a sua transição capilar, como foi a sua relação com as pessoas do seu convívio diário (amigos e familiares)? Teve aceitação? Apoio? Em caso em que não teve o apoio, o que você considera que dificultou a aceitação? Nos outros ambientes que você frequenta presencialmente ou remotamente (trabalho, escola, lazer), como foi a aceitação das pessoas? Em caso de sim, relate o que mudou.

Em relação à questão: Após a transição você teve dificuldades com os cabelos, você pode relatar com exemplos; as respostas foram categorizadas em: Ter diferentes texturas no cabelo e Lidar com o cabelo Natural. Para a categoria "Ter diferentes texturas", selecionamos as seguintes respostas:

"As duas texturas dão um aspecto "feio" para o cabelo e são feitos muitos julgamentos sobre sua aparência nesse período" (Participante 01).

"Ter duas texturas no cabelo, texturizar a parte alisada" (Participante 13).

"Parecia ter várias texturas em um cabelo" (Participante 18).

"Dificuldade de aceitar a textura original do cabelo" (Participante 31).

O processo de transição envolve várias questões, sentimentos e compreensão da sua própria aparência, envolve um autoconhecimento e aceitação. Portanto, não é apenas lidar com as diferentes texturas do cabelo, é compreender que o cabelo natural pode não corresponder a um cacho ideal, perfeito e aceitar que talvez seja uma mulher negra crespa e não cacheada ou ondulada (Araújo, 2020). As respostas para a categoria "Lidar com o cabelo natural" envolvem relatos que vão além de aceitar a nova textura, e sim, cuidar e compreender o processo que se passa.

"Foi uma luta ter que acostumar novamente com o volume do cabelo, além de conseguir um produto de cabelo que conseguisse realmente definir meus cachos" (Participante 15).

"Foi difícil aceitar o meu tipo de cabelo pois cresci ouvindo dizer que era um cabelo ruim, que não era bonito o volume, que eu tinha que deixá-lo preso" (Participante 22).

"O processo de transição é um despertar, um descobrimento de si mesma, como em todo processo novo é natural que você tenha que se acostumar, eu não sabia como cuidar do meu cabelo natural, algumas vezes achava que não era possível principalmente pela bagagem histórica, da infância, onde as pessoas falavam desde pequena pra minha mãe que alisar era a melhor forma de cuidar, por ela não ter um cabelo

afro e não ter conhecimento sobre buscou a alternativa mais fácil e segura. Minhas maiores dificuldades foram quando o cabelo estava crescendo pois raspei na máquina 1, então a adaptação teve que ser extrema, cuidar do cabelo era novo também, entender as necessidades de hidratação, umectação, lavagem, escolher os produtos que melhor se adaptem. Mas tudo é que questão de persistência” (Participante 24).

Em relação às questões "Durante a sua transição capilar, como foi a sua relação com as pessoas do seu convívio diário (amigos e familiares)? Teve aceitação? Apoio? Em caso onde não teve o apoio, o que você considera que dificultou a aceitação?" Algumas mulheres responderam que não houve apoio da sua família.

Para Gomes (2003), a partir da relação que o sujeito tem com o meio, com os indivíduos semelhantes e diferentes dele, há a educação e a transmissão desta para as futuras gerações. Isto pode ser percebido a partir dos levantamentos feitos sobre a relação da família, amigos e de outros meios sociais frente a transição capilar. Vemos que 36 entrevistadas tiveram apoio da rede familiar e de amigos, 26 tiveram aceitação nos ambientes de trabalho, escola e lazer. Porém, percebe-se que 7 entrevistadas não tiveram apoio da rede familiar e de amigos, apontando em suas respostas a predominância do adjetivo feio relacionado a esse processo:

“No início, acharam que eu fiquei feia. Eles já estavam acostumados com o cabelo liso” (Participante 05).

“Principalmente pelo fato de simplesmente acreditarem que cabelo que não é liso é feio...” (Participante 17).

A atuação desses indivíduos mais familiares parece introjetar em seus descendentes a educação do olhar do feio relacionado às características do corpo negro. Dessa maneira, perpétua, além da estética do belo, bonito, em relação ao estereótipo do corpo branco, a rejeição e o abandono do processo de transição capilar, em virtude da perspectiva do olhar do outro. Sendo este olhar, um dos elementos que corrobora na construção dos preconceitos e estigmas do corpo/cabelo da mulher e do homem negro. Em particular, vinculando às mulheres que decidem realizar o *big chop*, cortar comprimento do cabelo que sofreu processos de alisamentos, térmicos ou químicos, a traços masculinos como podemos analisar na fala de uma das entrevistadas:

“A grande maioria me apoiou sim, mas faço um adendo para a minha família, eles que foram os que mais criticaram e foram contra, eu raspei o cabelo, e os comentários foram os mais desestimulantes o possível. Minha mãe chegou a dizer que não tinha filha mais, mas hoje todos acham lindo” (Participante 24).

Durante o levantamento de dados, das 52 respostas das entrevistadas em relação à realização do *big chop*, foi interessante notar que 23 delas já realizaram este processo. Em contrapartida, tanto as entrevistadas que não sabiam o que era *big chop* e os que não realizaram, tiveram, individualmente, o mesmo número de participantes, 15 pessoas. À primeira vista, o desconhecimento do termo *big chop* não é fator determinante para que o processo de corte do cabelo não aconteça. Porém, este desconhecimento abre espaço para discutirmos o que torna termos e processos dentro da nossa sociedade conhecidos e desconhecidos, valorizados e desvalorizados.

“Acredito que o racismo e a tendência de obter resultados imediatos e que se encaixem em um padrão de beleza” (Participante 19).

Para as perguntas "Nos outros ambientes que você frequenta presencialmente ou remotamente (trabalho, escola, lazer), como foi a aceitação das pessoas? Em caso de sim, relate o que mudou". Ao analisar as respostas, identificamos duas categorias para análise: Autoestima e Estética, Identidade. Para a categoria Autoestima e Estética encontramos as seguintes respostas:

“Na minha opinião o que levava o pensamento que eu não iria conseguir era as frases: “Você não vai conseguir.”, “Olha lá, lavou o cabelo e não consegue deixar de secar, como vai deixar natural? Não vai aguentar por muito tempo” (Participante 08).

“A falta de costume por parte das outras pessoas” (Participante 10).

“A mudança sempre assusta” (Participante 29).

Para Gomes (2003), o processo de rejeição/aceitação/ressignificação do ser negro não acontece de uma forma isolada e o apoio da família e dos amigos são fundamentais nesse processo. Contribuindo para que o indivíduo nesta fase possa ver no outro a sua rede de apoio, transcendendo o vínculo da transição capilar com o cabelo, para mudanças além desse símbolo.

As participantes da pesquisa, em suas respostas, evidenciaram, consideravelmente, os processos de autoconhecimento, aceitação e amor-próprio. Destacando processos introspectivos e particulares da construção de uma nova dimensão de seu corpo, de modo a quebrar padrões de beleza e aceitar traços característicos vinculados às suas ancestralidades.

“Mudou muito minha autoaceitação e autoestima! Aprender a conviver com minhas características naturais, cada vez mais, é uma benção e muito saudável” (Participante 01).

“Sinto que não preciso seguir padrões de beleza. Posso me apresentar com minhas características naturais e valorizo todas elas” (Participante 03).

“Me ajudou a perceber que o cabelo não é a vinte [sic] da minha beleza. Ele faz parte dela, podendo ser alterado conforme minha vontade. Mas que não devo mudá-lo para agradar, pois não tem nada de errado com ele. Ter curvatura não o torna menos bonito. Ser cacheada é uma característica minha e que me faz bela da minha maneira” (Participante 04).

“Passei a gostar mais de mim e também a reconhecer a beleza dos cabelos crespos e cacheados. Sem falar na liberdade de poder realizar qualquer atividade sem ter que se preocupar com o cabelo” (Participante 15).

Na análise das respostas referentes à categoria Identidade, percebemos que algumas entrevistadas relataram uma mudança para além do cabelo. Uma nova percepção de seu corpo, e da presença do ser negro. Juntamente com o tempo do processo de transição capilar, a construção da identidade negra, segundo Gomes (2003), ocorre de forma gradativa, sob diferentes variáveis, causas e efeitos, para elaboração desta nova visão de mundo. Uma das entrevistadas relatou a negação de seu corpo negro como um ato de autoagressão, elucidando que o processo de transição capilar permeia a construção dessa nova identidade, dessa liberdade quanto ao corpo.

“Compreender a agressão que fazia no meu corpo. A negação da minha identidade” (Participante 13).

“A maneira como a gente se vê... se sente mais livre” (Participante 26).

“Mudou a minha percepção de mim mesma, minha identificação de cor de pele, me senti mais livre e ousada no sentido de ouvir algumas pessoas dizerem “Vai deixar assim agora?” E sentir o tom de crítica” (Participante 29).

Em uma das respostas analisadas do formulário, apresentou-se o papel da mídia dentro da construção do que é considerado lindo, utilizando as palavras da entrevistada. Por mais que tenha sido uma manifestação singular, o papel da escola não foi abordado. E cabe pensar o porquê de

a mídia ter sido retratada e a escola não. Será que nos ambientes escolares se têm discussões acerca do corpo negro? Há alguma manifestação de valorização desses corpos? Ou apenas se fala na posição de povo escravizado?

“Com a ajuda da mídia, hoje o crespo é considerado lindo. Todo mundo quer um black para si. Com essa visibilidade tornou a transição mais fácil, e tem sido mais fácil para essa geração mais nova. De se achar linda do jeito que é” (Participante 11).

Durante o processo de construção desta nova identidade, o indivíduo defronta-se com as possibilidades de escolha. Permeado de escolhas particulares, o sujeito se vê autônomo e também apropriado de um novo olhar sobre si. Aparentemente, sob a perspectiva do outro, as mudanças podem ser ínfimas, porém a responsabilidade sobre um corpo “despadronizado” e sua afirmação diária quanto ao ser negro é uma tarefa árdua ao sujeito que a ela prática.

“Mudou completamente a forma como eu me enxergo como mulher, mas principalmente me deixou próxima de quem eu sou de verdade sem precisar me adequar ao que a sociedade tem como "ideal". Me conhecer como eu sempre deveria ter sido, eu. Não que com o cabelo eu não fosse eu, mas o fato de se conhecer e ter a opção de escolha faz toda diferença. Sou linda até careca!” (Participante 24).

Ao final da entrevista, ansiamos construir um ambiente que despertasse Sororidade a quem não tivesse concluído o processo de transição capilar, ou especificamente a Dororidade, conceito cunhado por Piedade, uma vez que a Sororidade não daria conta da pretitude, a Dororidade vem da Dor, “contém sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa dor é Preta” (2017, p. 16-17). Surpreendentemente, muitos conselhos foram escritos no formulário e apresentavam a realidade do processo, como não sendo fácil, mas que as mulheres e os homens dessem continuidade e recomeçassem o processo. E entre as justificativas apresentadas para a realização desse movimento foi a vinculação do pertencimento à cultura negra, rompendo com a tradição do embranquecimento do corpo negro. Outro tópico apresentado foi referente à questão financeira, isentando-se de gastos com manutenção de serviços e de produtos que padronizasse a beleza, porém colocasse em risco a saúde.

“Seja forte! A transição não é fácil. No final, você vai se redescobrir” (Participante 05).

“A transição é libertadora. Acredite na mulher que você se tornará” (Participante 07).

“Persista! Não siga padrões, valorizar suas origens é libertador. Além disso, cada um que consegue passar pela transição é um exemplo para os demais. Além da liberdade de poder ser quem nós somos, ocorre uma liberdade financeira, pois existe um preço, por vezes alto, para manter os produtos e serviços para seguir os padrões de beleza. Ademais, não vale a pena colocar a saúde em risco utilizando produtos nocivos!” (Participante 24).

“Não é algo fácil de se fazer, por isso é preciso seguir o seu tempo, e as suas convicções, porque sempre vai ter alguém para opinar contra. Quando você passa a identificar o seu cabelo como parte de você, da sua personalidade, da sua cultura, e quando você aceitar isso, os comentários negativos não irão mais te afetar” (Participante 32).

Por mais que a transição capilar não tenha sido concluída por 7 entrevistadas, pensamos assim como Gomes (2003), que a situação do negro no Brasil se altera aos poucos, e que ainda temos muito a avançar. A partir do entendimento da dimensão do processo de transição capilar, paralelamente a conscientização da população brasileira sob as perspectivas étnico-raciais, consideramos que o espaço de discussão e de escuta elaborado por este artigo dá início a projetos

futuros que visem a inserção desta temática nos ambientes escolares do município de Juiz de Fora/MG.

O Tema Transição Capilar e o Ensino de Química

O projeto "Quícabelo é esse? A constituição da identidade da mulher a partir dos produtos de beleza" é um projeto que busca refletir sobre as bases de constituição de uma estética da mulher brasileira, com ênfase na mulher negra e investigar como os rótulos de produtos de alisamento e relaxamento podem contribuir na construção de um padrão de estética para a mulher negra brasileira. Essa pesquisa visa também propor atividades e sequências didáticas para o desenvolvimento dos conceitos químicos em sala de aula. Diante disso, neste artigo, assumimos o estudo sobre o tema transição capilar como um elemento constitutivo, para o uso de ferramentas do conhecimento químico no encaminhamento de soluções de problemas e na construção da identidade da mulher negra.

A transição capilar envolve dois momentos vivenciados pelas pessoas que são: o uso do cabelo com duas texturas e o *big chop*. O cabelo fica com duas texturas quando se deixa de fazer uso de processos químicos, cujo resultado é a mudança na estrutura do fio, e inicia-se o processo de crescimento natural. Nesse período temos a textura do cabelo crespo ou cacheado com as pontas lisas. O *big chop* é o momento da remoção total da textura lisa do cabelo. Essa remoção é cercada de emoção e de descobrimento de uma nova identidade. Portanto, a abordagem temática "Quícabelo é esse?" tem por objetivo discutir um problema autêntico, partindo de uma situação real relativo aos diferentes processos químicos de alisamento de cabelo. Dessa maneira, essa abordagem pode favorecer a implementação da Lei 10.639/03 e a Lei 11.645/08 (Brasil, 2003 e 2008), que estabelecem no currículo oficial da rede pública e privada de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira e Indígena". Assim, a proposta pode promover uma educação que reconheça e valorize a diversidade, comprometida com as origens do povo brasileiro, como preconiza a lei.

"Quícabelo é esse?" pode ser trabalhado utilizando alguns textos para a problematização inicial, sugerimos os textos: "O Cabelo Ruim" de Galeano (2006) e "O Racismo nosso de cada dia escancarado no meu cabelo" de Santana (2015). Indicamos também o livro "Que Cabelo é esse, Bela?", de Mota (2018), o trabalho com esses textos pode proporcionar a formação de leitores críticos e a forma com que a/o docente conduzirá, poderá lançar diferentes olhares sobre a temática do cabelo. Miranda, Mauro e Flôr (2012) dizem que para o desenvolvimento de uma leitura cautelosa seria preciso responder a algumas questões, tais como: "Por que um texto foi escrito de determinada maneira, e não de outra? Por que a escolha daquelas palavras ou imagens em detrimento de tantas outras possíveis? Que leituras podem ser feitas do mesmo objeto, e em que momentos, determinadas leituras são mais apropriadas?" .

Para as discussões sobre os cabelos também podemos usar as plataformas de redes sociais *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, para discutir como esse assunto é abordado nesses espaços de comunicação e como tem acontecido o engajamento de conteúdos acerca deste processo de mudança estética. Vale destacar a importância de compreender as mulheres que passam por esse processo. Dessa forma, pode-se solicitar aos estudantes que realizem entrevistas com mulheres que se submetem a processos químicos nos cabelos e propor algumas perguntas como: as mulheres que se submetem a tratamentos capilares entendem quais processos químicos são utilizados? Qual a relação entre procedimento químico (alisamentos cáusticos, usando formol, sufocantes) e a pressão estética?

Uma outra proposta de atividade para o desenvolvimento do "Quícabelo é esse?", seria a roda de conversa ou o mosaico digital. Moura e Lima (2014) argumentam que a proposta de roda de conversa consiste em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a

si mesmos por meio do exercício reflexivo. O mosaico digital seria uma roda de conversa utilizando uma sala de webconferência. Como esta proposta busca refletir sobre as bases de constituição da identidade da mulher por meio dos cabelos, a roda de conversa ou o mosaico digital pode favorecer e articular o trabalho sobre conceitos químicos, a compreensão dos rótulos de produtos de alisamento e relaxamento e a construção de um padrão de estética para a mulher negra brasileira.

Considerações

Neste artigo, tivemos a intenção de apresentar as respostas de mulheres negras sobre o processo de transição capilar. Destacamos a importância de pesquisas protagonizarem a voz da mulher negra que, por muitas vezes, é desconsiderada nas discussões sobre estética da mulher. Diante disso, este artigo buscou refletir sobre a constituição da identidade da mulher negra, a partir do processo de transição capilar.

O processo de transição capilar é longo e não finaliza apenas com o *big chop*. É uma caminhada de redescoberta do cabelo e de uma nova identificação. Portanto, acreditamos que a discussão acerca da transição capilar pode auxiliar na construção da identidade das mulheres/estudantes e, ainda, a importância da representação, a fim de dar força para as mulheres de cabelo cacheado e crespo a compreenderem a sua identidade.

Ressaltamos que este estudo sobre as relações das mulheres negras no processo de transição capilar pode contribuir com as discussões referentes ao preconceito, à discriminação racial e à constituição da identidade da mulher negra. Portanto, apontamos que as discussões sobre cabelo podem nos auxiliar a propor metodologias de ensino que possibilitem compreender o corpo na construção da identidade étnico-racial das alunas (Gomes, 2003).

O assunto sobre transição capilar se apresenta como uma fonte fértil para ser explorada nos diversos espaços. Nesse sentido, corroboramos com Gomes (2003) que destaca a importância da inserção de discussões sobre as múltiplas identidades sociais de mulheres e homens negros nos cursos de formação de professores para fomentarmos discussões que enfatizem as relações entre cultura e educação.

Cárdenas, em uma de suas cartas do diálogo entre a filha e uma mãe morta escreve:

Antes, quando Lilita e Ninã brincavam de jogar água uma na outra no banho, tomavam cuidado para que caísse só da cintura para baixo, porque, se o cabelo o molhasse, ficava duro de novo... Ninã gosta de colocar as calçolas ou uma toalha na cabeça e andar de um lado para o outro cantarolando: Meu cabelo é bom! Meu cabelo é liso! Tenho vontade de rir, mas também me dá raiva. Algumas pessoas não sabem ser negras. Tenho pena delas (2010, p. 20).

Dessa forma, o intuito de que nossa pesquisa é possibilitar que outras mulheres possam, além de aprender a serem negras, se fortalecer diante de todos os desafios que o racismo nos apresenta e nos condiciona. Ademais, que a educação possa ser uma das pontes, conforme prevê a lei 10.639 de 2003 e seus aparatos legais, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana (Brasil, 2013).

Referências

Araújo, Hellen C. S. (2020). Um Deboche Autoetnográfico: Uma análise sobre redes de Transição Capilar em Viçosa - AL. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas.

Barbosa, André B., & Silva, Roberto R. (1995). Xampus. Química Nova na Escola. São Paulo.

- Bardin, Laurence (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa, PT: Edições 70.
- Bardin, Laurence (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70.
- Bento, Maria Aparecida S. (2002). BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL. In: *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil/ Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Orgs.)*, 25-58. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Borges, Marcella M. C., Borges, Keyller B., & Pinheiro, Paulo C. (2018). “Luzes” capilar: dos salões de beleza à educação química. *Química Nova na Escola*, 40(1), 4-13.
- Brasil. Plano Nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana (2013). Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília, DF: MEC, SECADI.
- Brasil. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm.
- Brasil. Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm.
- Cavalcante, Ricardo B., Calixto, Pedro, & Pinheiro, Marta M. K. (2014). Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Informação & Sociedade: Estudos*, 24(1), 13-18. Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/10000>.
- Cárdenas, Teresa (2010). *Cartas para a minha mãe*. Rio de Janeiro, RJ: Pallas.
- Daflon, Verônica T. (2017). *Tão longe, tão perto: identidades, discriminação e estereótipo de pretos e pardos no Brasil* (1a. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Mauad X.
- Daltro, Luana M. (2016). *Yes, we can: a transição capilar da mulher negra na mídia tradicional e nas redes sociais*. Trabalho de Conclusão de Curso, Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Galeano, Eduardo (2006). *O Teatro do bem e do mal*. Porto Alegre, RS: L&PM.
- Gil, Antônio. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a. ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Gomes, Larisse L. P. (2017). “Posso Tocar no seu Cabelo?” Entre o “liso” e o “crespo”: transição capilar, uma (re) construção identitária? Dissertação de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/183603/PASO0436-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>.
- Gomes, Nilma L. (1995). “Mulher Negra que Vi de Perto – o processo de construção da identidade racial de professoras negras”. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições.
- Gomes, Nilma L. (2003). Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, 29(1), 167-182. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>.
- Gomes, Nilma L. (2008). Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. In: *Retratos da escola*, 2(2-3), 95-108. Brasília.
- Gomes, Nilma L. (2019a). *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* (3a. ed.). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.

- Gomes, Nilma L. (2019b). A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. In *Perseu: História, Memória e Política*, 1, 123-142.
- Hall, Stuart (2016). *Cultura e representação*. Rio de Janeiro, RJ: Ed.PUC-Rio: Apicuri.
- Hasenbalg, Carlos (2005). *Discriminação e desigualdades sociais no Brasil* (2a. ed.). Trad. Patrick Burglin. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG; Rio de Janeiro, RJ: IUPERJ.
- Matos, Édila Maria S. (2015). *Cachear e Encrespar: Moda ou Residência? Um estudo sobre a construção identitária do cabelo afrodescendente em blogs*. Monografia, Curso de Comunicação Organizacional, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília.
- Matos, Lúcia (2016). Transição capilar como movimento estético e político. In: *Seminário Nacional de Sociologia da Universidade Federal de Sergipe*, 845-858. São Cristóvão, SE.
- Minayo, Maria Cecília S. (org.) (2001). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (18a. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Miranda, Lucas M., Mauro, Rafael M., & Flôr, Cristhiane C. (2012). (Des)caminhos da pesquisa sobre leitura e formação de leitores em aulas de química no Ensino Médio. In *XVI Encontro Nacional do Ensino de Química (XVI ENEQ) e X Encontro de Educação Química da Bahia*. Salvador, BA.
- Moura, Adriana F., & Lima, Maria G. (2014). A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. *Revista Temas Em Educação*, 23(1), 95–103. Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>.
- Mota, Simone (2018). *Que Cabelo é esse, Bela?* São Paulo, SP: Editora do Brasil.
- Munanga, Kabengele (1999). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Oliveira, Eliana, Ens, Romilda T., Andrade, Daniela B. S. F., & Mussis, Carlo R. (2003). Análise de Conteúdo e Pesquisa na área da educação. In: *Revista Diálogo Educacional*, 4(9), 11-27. Curitiba, PR. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189118067002.pdf>.
- Piedade, Vilma (2017). *Dororidade*. São Paulo, SP: Editora Nós.
- Quintão, Adrianna M. P. (2013). *O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como performance identitária*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Santana, Bianca (2015). *Quando me descobri negra*. São Paulo, SP: SESI-SP editora.
- Silva, Tomaz T. (org.) (2014). *A produção social da identidade e a diferença*. In: *Identidade e diferença* (15a. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Souza, Neusa S. (1983). *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro, RJ: Graal.